



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**KASSANDRA BARBOSA FARIAS**

**A IMAGEM DO POVO NEGRO: UMA ANÁLISE DE LIVROS  
DIDÁTICOS DO 3<sup>o</sup> ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE**

**2019**

**KASSANDRA BARBOSA FARIAS**

**A IMAGEM DO POVO NEGRO: UMA ANÁLISE DE LIVROS  
DIDÁTICOS DO 3<sup>o</sup> ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARGARETH MARIA DE MELO**

**CAMPINA GRANDE**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224i Farias, Kassandra Barbosa.

A imagem do povo negro: uma análise de livros didáticos do 3º ano do ensino fundamental [manuscrito] / Kassandra Barbosa Farias. - 2019.

28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Margareth Maria de Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Questões étnico-raciais. 2. Identidade negra. 3. Livro didático. 4. Diversidade cultural. I. Título

21. ed. CDD 371


KASSANDRA BARBOSA FARIAS

**A IMAGEM DO POVO NEGRO: UMA ANÁLISE DE LIVROS  
DIDÁTICOS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

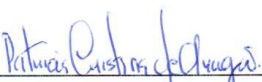
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagogia do Departamento de  
Educação da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento às exigências  
legais para obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia.

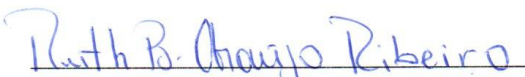
Aprovada em: 20/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Margareth Maria de Melo - UEPB

Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Patrícia Cristina Aragão - UEPB  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Mestre Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro - UEPB  
Examinadora

## *Dedicatória*

A minha mãe Valéria, meu querido Inácio,  
Anna Farias e a doce Coraline.

**“Se eie kusanga moxi nkija sé kibi,  
Muene kitena ki  
uambata (beka)  
kiriri kana mutu.”**

**Se você encontrar um caminho sem obstáculo,  
provavelmente ele não leva a lugar nenhum (tradução).**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 -</b>	.....	<b>p.12</b>
<b>Figura 2 -</b>	.....	<b>p.12</b>
<b>Figura 3 -</b>	.....	<b>p.12</b>
<b>Figura 4 -</b>	.....	<b>p.17</b>
<b>Figura 5 -</b>	.....	<b>p.17</b>
<b>Figura 6 -</b>	.....	<b>p.18</b>
<b>Figura 7 -</b>	.....	<b>p.18</b>
<b>Figura 8 -</b>	.....	<b>p.19</b>
<b>Figura 9 -</b>	.....	<b>p.20</b>
<b>Figura 10 -</b>	.....	<b>p.21</b>
<b>Figura 11 -</b>	.....	<b>p.21</b>
<b>Figura 12 -</b>	.....	<b>p.23</b>
<b>Figura 13 -</b>	.....	<b>p.23</b>
<b>Figura 14 -</b>	.....	<b>p.24</b>
<b>Figura 15 -</b>	.....	<b>p.25</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>COLTED</b>	Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático
<b>CNDL</b>	Comissão Nacional do Livro Didático
<b>FAE</b>	Fundação de Assistência ao Estudante
<b>FENAME</b>	Fundação Nacional do Maternal Escolar
<b>FNDE</b>	Fundo de Desenvolvimento da Educação
<b>PCN,s</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PNLD</b>	Programa Nacional do Livro Didático
<b>PLIDEF</b>	Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>USAID</b>	Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional



## SÚMARIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO</b>	<b>11</b>
<b>3.</b>	<b>A IMAGEM DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS</b>	<b>12</b>
	<b>3.1. Conhecendo os Livros Analisados</b>	<b>12</b>
	<b>3.2. Identidade e Identidade Negra: Um Olhar para o Negro no Livro Didático</b>	<b>15</b>
	<b>3.3 Identidade do negro no LD</b>	<b>17</b>
	<b>3.4. Diversidade Cultural</b>	<b>22</b>
<b>4.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>27</b>

## **A IMAGEM DO POVO NEGRO: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

### **RESUMO**

Esse artigo tem como objetivo geral analisar a imagem do povo negro nos Livros Didáticos de História *A Escola é Nossa*, *Porta Aberta* e *Ápis*, do 3º ano do Ensino Fundamental, especificamente, identificar como são apresentadas as imagens do negro e os assuntos abordados e verificar se essas obras atendem às exigências da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que obriga o ensino de História e Cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas brasileiras. Buscou-se apoio nos Parâmetros Curriculares Nacionais e em trabalhos de alguns autores, como Hall (2006), Melo (2016), Silva (2010), entre outros. Os procedimentos metodológicos dessa pesquisa foram bibliográficos e documentais com caráter qualitativo e descritivo. Para trabalhar os dados, considerou-se a análise de conteúdo e, através de comparações e semelhanças entre os Livros Didáticos, identificou-se como categorias a Identidade Negra e a Diversidade Cultural. Foi constatado que a imagem do negro aparece positivada em alguns momentos e negativada em outros, e essas imagens podem influenciar na formação da identidade negra. A diversidade cultural está presente de forma que precisa destacar a influência negra. Sendo assim, é necessário que o(a) professor(a) tenha uma boa formação e esteja atento às questões de invisibilidade e silenciamento das culturas afro-brasileiras e africanas na formação do país. Assim, através desse estudo, a autora conseguiu enxergar e refletir sobre questões étnico-raciais de grande relevância para vida pessoal e profissional. Por fim, acredita-se na necessidade de revisões dos livros didáticos, pois ainda precisa dar visibilidade à influência negra na história e cultura brasileira, bem como, na formação da identidade negra das crianças.

Palavras-chave: Negro. Livro Didático. Identidade Negra. Diversidade Cultural.

## **THE IMAGE OF THE BLACK PEOPLE: AN ANALYSIS OF THIRD YEAR ELEMENTARY SCHOOL BOOKS**

### **ABSTRACT**

This article has as its general objective to analyze the image of black people in the History Textbooks *The School is Ours*, *Open Door* and *Ápis*, of the 3rd year of Elementary School, specifically, to identify how the black are presented and which context in the book also verify if these school books comply Law 10,639 / 03, amended by Law 11,645 / 08, which requires the teaching of Afro-Brazilian, African and indigenous History and Culture in Brazilian schools. The National Curriculum Parameters was used as theoretical support, such others works by some authors, such as Hall (2006), Melo (2016), Silva (2010), among others. The methodological procedures of this research were bibliographic and documentary with qualitative and descriptive character. We considered in data analyzes the contents, through comparisons and similarities between the Textbooks, identifying as categories Black Identity and Cultural Diversity. It was found that the image of the black appears positive in some moments and negative in others, and these illustrations can influence the formation of black identity. Cultural diversity is presented so it needs to highlight the black influence. Thus, it is necessary that the teacher has a good education and be aware of the invisibility and silencing issues of the Afro-Brazilian and African cultures in the formation of the country. So, through

this study, the author was able to see and reflect on ethnic-racial issues which are relevant to personal and professional life. Finally, we believe that revisions of textbooks are needed, because it still needs to give visibility to black influence in Brazilian history and culture, as well as in the formation of black identity of children.

Keywords: Ethnic-racial issues. Textbook. Black Identity. Cultural diversity.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo geral de analisar a imagem do povo negro em três exemplares de Livros Didáticos (LD) de História do 3º ano do Ensino Fundamental, especificamente, identificar como são apresentadas as imagens do negro e os assuntos abordados, e verificar, assim, se nos Livros Didáticos (LD) de História a temática étnico-racial atende à Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08<sup>1</sup>.

Esse trabalho é fruto de reflexões e discussões em sala de aula no componente curricular “*Culturas Afro-brasileiras e Indígena*”, cursado durante minha graduação no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. O interesse pela temática surgiu após várias análises nos Livros Didáticos de História em sala de aula, em que é necessário um olhar reflexivo e crítico, pois os estereótipos cada vez mais fortalecem uma imagem equivocada das pessoas negras. Acredito que valorizar a História do negro, é resgatar nossa história identitária.

Os livros didáticos (LD) são materiais de auxílio muito importante em sala de aula e extraclasse para o desenvolvimento e aprendizagem, porém, surgem vários questionamentos: como são apresentadas as imagens dos negros? Existem algumas influências dos estereótipos nestas imagens? Os Livros Didáticos atendem à temática da lei? Os assuntos abordados desconstruem a imagem do negro?

Desse modo, a escola não pode tomar outro rumo diferente, senão o de formadora de cidadãos, como ressaltam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual:

[...] a contribuição da escola na construção da democracia é a de promover os princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça e equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano; é a de encontrar formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade, o que exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e ações decididas em relação aos problemas gerados pela injustiça social (BRASIL, 1997, p. 29).

Portanto, a escola tem um papel fundamental de desconstruir o preconceito, racismo e todas as formas de discriminação que, ao longo do tempo, foram sendo incorporadas ao tratamento da cultura africana e afro-brasileira.

A metodologia de estudo para a elaboração dessa pesquisa foi bibliográfica e documental com caráter qualitativo e descritivo, com a finalidade de analisar a imagem do negro no Livro Didático. A análise de conteúdo foi utilizada como técnica de análise dos dados, em que se comparou as semelhanças entre os LD e foram definidas duas categorias que mais se repetiram em relação ao objetivo proposto: Identidade Negra e Diversidade Cultural.

Os três livros didáticos de História analisados foram escolhidos eram todos destinados ao 3º ano do Ensino Fundamental, são eles: *Porta Aberta*, da autora Mirna Lima e publicado pela FTD S.A, em 2011; *Ápis*, escrito por J. William Vesentini, Dora Martins e Marlene Pécora, publicado pela editora Ática, em 2012; e *A Escola é Nossa*, que tem como autoras Rosemeire Aparecida Alves Tavares e Maria Eugenia Bellusci Cavalcante, sendo da editora Scipione e publicado em 2012,

Na sequência, discutiremos sobre como o LD é acompanhado no país desde os anos de 1937, como uma preocupação do governo Vargas, passando pela ditadura militar e o processo de redemocratização. Em seguida apresentaremos os três livros em detalhes e as duas categorias que foram identificadas, sendo que a discussão sobre identidade negra é precedida de uma reflexão sobre identidade de maneira geral e, posteriormente, destacamos como nos

---

<sup>1</sup> A lei estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

LD em questão ela (identidade negra) foi trabalhada. Depois, analisaremos como a diversidade cultural foi tratada nos livros e, por fim, concluímos com os aprendizados que esse estudo proporcionou.

## **2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO**

O Livro Didático, hoje, está consolidado como sendo um recurso fundamental em sala de aula e, com seus valores culturais e pedagógicos, contribui para o planejamento e desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula. Mas, para que houvesse essa realidade e acessibilidade, percorreu-se um longo caminho.

Segundo o portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), no ano de 1937, foi criado um Decreto-Lei de nº 93 em que surge o Instituto Nacional do Livro. Quase um ano após, no dia 30 de dezembro de 1938, o Livro Didático começa circular através do Decreto-Lei nº 1.006, com controle de produção e circulação. É necessário ressaltar que, no ano de 1945, o Decreto-Lei nº 8.460, restringe o professor a escolher o livro a ser utilizado em sala de aula, conforme descrito no art.5 (BRASIL, s/d).

Anos após, foram realizados acordos entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) em que criaram uma Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED), com o objetivo de assegurar o MEC com recursos suficientes para distribuição gratuita de 51 milhões de livros no período de 3 anos (BRASIL, s/d). Ademais, por meio da portaria nº 35, de 11/3/1970, o MEC implementa o sistema de condições de livros com editoras nacionais, com recursos do Instituto Nacional do Livro (INL), (BRASIL, s/d).

Em 1971, o INL passa a fortalecer o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), nesse mesmo ano, foi rompido o acordo entre MEC/USAID em que assegurava fundo para a distribuição gratuita do Livro Didático. Por volta de 1976, o Decreto-Lei nº 77.107, de 4/2/76, com a extinção do INL, a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) assume a responsabilidade do programa do livro didático. O governo responsabiliza-se de parte das parcelas para distribuir os livros. Devido à insuficiência de recursos para atender todos os alunos do Ensino Fundamental da rede pública, a grande maioria das escolas municipais é excluída do programa (BRASIL, s/d).

No ano de 1983, a FENAME é associada à Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que incorpora o PLIDEF, o grupo de trabalho encarregado do exame dos problemas relativos aos livros didáticos e propõe-se a participação dos professores na escolha dos livros e a ampliação do programa, com a inclusão das demais séries do Ensino Fundamental (BRASIL, FNDE, s/d). Vale ressaltar que, em 19 de Agosto de 1985, o PLIDEF dá lugar ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O PNLD busca que os livros didáticos escolhidos, sejam apropriados para o PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola,

Para escolha dos livros didáticos aprovados na avaliação pedagógica, é importante o conhecimento do Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). É tarefa de professores e equipe pedagógica analisar as resenhas contidas no guia para escolher adequadamente os livros a serem utilizados no triênio. O livro didático deve ser adequado ao projeto político-pedagógico da escola; ao aluno e professor; e à realidade sociocultural das instituições. Os professores podem selecionar os livros a serem utilizados em sala de aula somente pela internet, no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (BRASIL, PNDL, 2011, n/p).

Dessa maneira, os Livros Didáticos aprovados, como foi ressaltado, necessitam de um planejamento para que sejam adequados ao cotidiano escolar, buscando analisar e refletir sobre os conteúdos curriculares. A seguir discutiremos sobre os LD objetos desta pesquisa e sua relação com a questão negra.

### 3 A IMAGEM DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS

A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, publicada no diário oficial em 11 de março de 2008, trata da orientação de estudos sobre a cultura e história da África e do negro no Brasil, incluindo a temática indígena e também altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, até então modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. A lei em destaque obriga sua aplicabilidade, mas não basta apenas ser inserida no currículo, é necessário abordar as questões étnico-raciais afro-brasileiras e africanas em sala de aula, como relata Melo (2016, p.93) “ela [a lei 10.639/2003] é resultado da organização dos movimentos sociais negros, mas sua existência não garante as mudanças na escola”.

Desse modo, é preciso acompanhar como essa temática é tratada na escola, como o Livro Didático aborda a questão do povo negro? E, para tanto, analisaremos as imagens do negro em três exemplares de livro didático de História do 3º ano do Ensino Fundamental, buscando especificamente, identificar como são apresentadas as imagens e os conteúdos referentes ao negro, bem como verificar se nos LD de História a temática étnico-racial atende à Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08.

A seguir, iniciaremos apresentando os três livros escolhidos. Depois discutiremos sobre o conceito de identidade segundo alguns autores, e a sua especificidade negra. Na sequência tratamos sobre como no livro didático essa questão da identidade foi sendo apresentada. Por fim, abordamos a questão da diversidade cultural, seu conceito e como ela se desenvolveu nos LD estudados.

#### 3.1 Conhecendo os Livros Analisados

Os livros analisados, como já mencionamos aqui, são: *A Escola É Nossa*, *Porta Aberta* e *Ápis*, todos do 3º ano do Ensino Fundamental (Anos iniciais). Observamos as descrições dos livros (capa, sumário, autores, apresentação, linguagens, sequência didática, referência bibliográfica) e as questões afro-brasileiras.

A seguir, apresentamos a imagem de capa dos livros analisados:

FIGURA 1



Fonte: Tavares e Cavalcante (2012)

FIGURA 2



Fonte: Lima (2011)

FIGURA 3



Fonte: Vesentini, Martins, Pécora (2012)

No livro *A Escola é Nossa*, a imagem da capa é a escola sendo representada por uma casa, buscando familiaridade, ou seja, o aconchego de um lar. Outra imagem interessante é a liberdade expressada por uma menina tocando flauta sentada e pássaros a voar. Os tons laranja e bege dão cor à capa.

Esse livro sendo uma obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Scipione, com 48 páginas, na 3ª edição, ano 2012, tem como autoras Rosemeire Aparecida Alves Tavares e Maria Eugenia Bellusci Cavalcante, sendo a primeira autora, Licenciada em Letras, pela Universidade de Londrina (UEL- PR) e pós - graduada em Língua Portuguesa e desde 1996, desenvolve atividades e pesquisas e edição na área de didática e ensino para Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. A segunda autora é Licenciada e Bacharel em História pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (PR) e Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Letras e Educação de Presidente Prudente (SP), sendo autora de livros didáticos desde 1983.

O sumário desse LD é dividido em seis unidades. A primeira unidade tem como título “Começando um novo ano”, em que trata de relembrar alguns aspectos do ano que passou, aborda sobre as fontes que contam histórias e a importância de conhecer outras histórias. A segunda unidade adentra no “Cotidiano da criança”, e apresenta as atividades do dia a dia, o cotidiano das crianças indígenas. Depois mostra a necessidade de organização do tempo de cada pessoa e enfatiza a realidade de crianças e adolescentes atarefados, por fim, trata das crianças e adolescentes no passado.

A terceira unidade aborda sobre “A vida e a história da família”, inicia falando sobre as pessoas da minha família e, depois, destaca a vida nos orfanatos e doação de crianças. Em seguida, mostra que cada família tem sua história, e que é bom saber sobre maneiras de conhecer a história da família. Trata ainda sobre os imigrantes, a família em diferentes épocas e a família e os objetos do cotidiano.

Na quarta unidade do livro *A Escola é Nossa* apresenta “O lugar em que vivemos”, iniciando com a rua onde moro, a convivência entre as pessoas da rua, as brincadeiras de rua em outros países e brincadeiras de rua de ontem e de sempre. Depois, comenta sobre as festas e comemoração na rua, um exemplo é a congada. Aborda também as ruas que são modificadas, os nomes de ruas, os nomes de ruas do passado e, por fim, a realidade de quem vive nas ruas.

A quinta unidade vai descrever sobre “A vida no bairro”, como funciona no cotidiano, suas histórias, as primeiras fábricas, as diferentes épocas do bairro, as necessidades como a falta de serviços essenciais, e destaca os jeitos de morar dos povos indígenas. Na sexta unidade, o tema é “Trabalho em nosso dia a dia”. Inicia com o trabalho das pessoas em nossas vidas, aquelas que fazem parte do cotidiano das crianças, depois os trabalhadores nas ruas do bairro, nas feiras livres, e diversos tipos de trabalhadores, do passado e do presente. O problema da falta de emprego e do trabalho infantil, bem como, os danos à saúde da criança que trabalha e como era o trabalho infantil no passado, destaca a necessidade de combater o trabalho infantil e conclui falando dos direitos das crianças.

Parecem ser muitos conteúdos em todas as unidades. Será que esse material é trabalhado ao longo do ano? Visto que o ano letivo é dividido em quatro unidades ou bimestres, como tratar de seis unidades em história? São temas tão ricos que permitem fazer diversos tipos de atividades, inclusive extraclasse.

O objetivo do livro seria a leitura, reflexão e a realização das atividades, e também a interação, valorização e respeito às diferentes culturas. Sendo de uma linguagem de fácil compreensão, contribui para o processo de aprendizagem. Existem muitas imagens que buscam revelar a originalidade dos fatos, seja em pinturas ou em desenhos. As referências bibliográficas são atualizadas com sites e, assim, permitem estudos mais aprofundados.

O segundo livro é *Porta Aberta*, cuja capa traz a imagem de uma menina branca de olhos claros e sorridente, dentro da letra “O” da palavra porta, semelhante a uma janela, na parte superior do livro faz semelhança a tijolos coloridos empilhados e a cor lilás ressalta sua predominância.

O livro foi publicado pela Editora FTD, com 64 páginas na 1ª edição, ano 2011, tem como autora Mirna Lima, formada em História e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo, professora do Ensino Fundamental nas redes pública e privada do estado de São Paulo. Professora de Teoria e Prática de Ensino de História e Geografia de Universidades privadas do estado de São Paulo.

O sumário é dividido em quatro unidades. Sendo o primeiro capítulo “Meninas e meninos”, em que retrata a diferença entre gêneros, as histórias das crianças em diferentes tempos. Na segunda unidade, com o capítulo “Meninas e meninos: costumes e tradições”, apresenta as crianças indígenas e africanas com suas culturas e memórias, são destacadas também crianças com outros costumes e que se naturalizou ao Brasil por influência dos pais.

Na terceira unidade, com o capítulo “Os lugares e suas histórias”, relata os lugares e suas mudanças ao longo do tempo, destacando a iluminação nas ruas, as construções dos prédios e as moradias com movimentos nas ruas. Na quarta unidade “As crianças do campo e da cidade”, fala-se em crianças que viviam no campo ajudando os pais, em diferentes atividades como a pesca, caça e artesanatos, em seguida, menciona-se as crianças da cidade que passam mais tempo brincando nas ruas.

A abordagem do trabalho infantil, ressalta crianças que ajudavam os pais no campo e que, muitas vezes, deixavam de frequentar a escola para trabalhar e colocam suas vidas em perigo devido o contato com venenos. Nessa unidade, conclui-se falando dos Direitos das crianças.

O objetivo do livro é contribuir com valores, costumes e tradições, o que ajuda a acompanhar a trajetória dos sujeitos na sociedade. As imagens são expostas em desenhos ou pinturas, com sites e referências atualizadas.

O terceiro livro é o *Ápis*, em que a capa traz as imagens de tempos antigos e modernos, destacamos: “homem das cavernas”, um elefante, cavaleiro medieval, vitrola, pão de forma, dromedário equilibrista, carro antigo, uma mulher e criança na brincadeira de amarelinha. Os autores dos livros são J. William Vesentini, Dora Martins e Marlene Pécora. O primeiro autor é Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), professor e pesquisador do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Ex-professor nas redes oficial e particular de Ensino Fundamental e Médio.

A segunda autora é Dora Martins, Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Licenciada em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Presidente Venceslau e trabalhou na rede particular de Ensino Médio. Ex-professora na rede oficial de Ensino Fundamental e Médio. Por fim, temos Marlene Pécora, sendo Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ex-diretora do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Ex-docente de Filosofia da Educação para professores, diretores de escola e supervisores de ensino. Ex-professora na rede oficial de Ensino Fundamental e Médio.

O sumário é dividido em seis unidades, sendo que, no primeiro capítulo “Conhecer o passado”, são destacadas as divisões temporais, seja ela por artes rupestres, calendários ou mapas. A segunda unidade aborda o capítulo “Viver e aprender”, fala-se da Escola como um espaço de convivência e interação; logo depois, é mencionada a importância do conhecimento com os mais velhos, é valorizada nesse capítulo a cultura indígena e africana.

A terceira unidade possui o capítulo “Pelas ruas da cidade” que inicia fazendo referências às ruas do passado, destacando a urbanização e a iluminação a gás no século XX. O quarto capítulo “Tempo de brincar”, fala das brincadeiras de ontem e hoje, em seguida, é



ressaltada a importância do lazer com a família, os brinquedos do passado, bonecas, carrinhos, cordas, entre outros.

As festas mencionadas são: a Folia de Reis, em Minas Gerais (festa cristã), a Lavagem da escadaria da Igreja do Senhor do Bomfim, na Bahia (festa africana), as Cavalhadas, no Pirenópolis-GO (representação teatral entre mulçumanos e cristãos), Festa do Boi, em São Luís (festa de origem europeia, mas que incorpora elementos indígenas e africanos) e, por fim, o Carnaval, em Olinda (que teve origem na Europa, mas na colônia era praticada pelos escravos) e os jogos, um deles é yoté, mais popular na África Ocidental. O Teatro também é destacado como uma diversão no século XVI.

A quinta unidade apresenta o capítulo “Tempo e trabalho”, relata o trabalho no campo, na cidade e o trabalho infantil no passado, em que as crianças trabalhavam em fábricas de tecidos, oficinas de costuras, sempre arriscando suas vidas. Logo depois, é destacado o trabalho nas comunidades indígenas e, posteriormente, as mulheres no mundo do trabalho, buscando igualdade e conquista de espaços.

A sexta unidade discute o capítulo “O que mudou ao longo do tempo”, fala-se das modificações ao longo do tempo, desde a história do livro, a expansão do pão e, por fim, as modificações dos meios de transportes.

Ressalto que todas as unidades apresentam itens como: “Navegando no tempo”, em que faz relação com o passado. “Panorama”, tem o objetivo de refletir sobre as abordagens, os conteúdos da unidade. “O que estudamos”, busca resumir o conteúdo do capítulo e, por fim, “Sugestões de leitura e sites da internet”, com o sentido de ampliar os conhecimentos, incentivar a pesquisa e aprofundamento. Percebemos que o livro didático *Ápis*, aborda mais assuntos em relação aos outros livros analisados, daí surge a questão: como será trabalhado em sala de aula um livro tão extenso? As sugestões de leitura e sites serão possíveis de ser acessadas no laboratório de informática ou na biblioteca?

Nesse sentido, podemos afirmar que os livros *A Escola é Nossa* e *Ápis* abordam as temáticas comuns sobre fontes históricas, cotidiano, história local (a rua onde mora), trabalho e trabalho infantil. No livro *Porta Aberta* também se trata sobre história do lugar (local), na terceira unidade. Duas unidades trabalham a temática sobre gênero, nos outros dois livros sendo que essa questão aparece de forma indireta. Na unidade que trata sobre o campo e cidade de forma indireta, aparecem as questões do trabalho e do trabalho infantil. A seguir discutiremos sobre o conceito de identidade e identidade negra, na busca de entender essa noção para identificar como os LD analisados tratam essas temáticas.

### 3.2 Identidade e Identidade Negra: Um olhar para o Negro no Livro Didático

Existem várias definições que explicam os conceitos de identidade, assim como defende Munanga (2008, p.14), a “[...] identidade é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio”. Nesse sentido, entende-se que a identidade não é formada isoladamente entre os sujeitos e que não existe uma estabilidade nesse processo, ou seja, os sujeitos nunca estarão finalizados.

Para Hall, o sujeito está dividido em três concepções: O sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno:

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando nascia e com ele se desenvolvia, ainda permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele - ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. [...] A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-

suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para os sujeitos e valores, sentidos e símbolos - a cultura- dos mundos que eles /ela habitavam. [...] O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. [...] Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2006, p.10; 11; 12).

Assim, o autor coloca o indivíduo do iluminismo como um homem centralizado, em que havia pouca alteração desde seu nascimento, permanecendo para toda a vida. Na concepção do sujeito sociológico, o homem passa a ser um indivíduo que reflete, que compreende a importância da relação entre sociedade e sujeito, que interfere na sua visão de mundo, que sofre modificações ao longo da vida, porém, existe uma essência que não muda.

O indivíduo pós-moderno é a soma de várias mudanças e transformações na sociedade, em que não possui apenas uma identidade fixa, mas inúmeras identidades. É um sujeito em processo permanente de mudança, inclusive entrando em contradição nas diversas situações do cotidiano, como afirma Melo (2016, p.118).

Essa dinâmica significa viver contradições, descobertas, deslocamentos, assumir identidades distintas em diferentes circunstâncias, pois o sujeito está numa permanente gestação de si mesmo. O processo cambiante da vida mobiliza e interpela os sujeitos para um contínuo aprendizado do mundo favorecendo, permitindo “eus” sempre em desenvolvimento, não existindo um “eu” fixo, pronto, acabado.

O processo de construção da identidade precisa ser entendido como permanente, dinâmico e que sofre influências numa relação de trocas entre sujeitos desde os primeiros anos de vida, nos mais diversos grupos de convivência. Assim, esses sujeitos são aprendizes das relações que conseguem estabelecer ao longo de sua existência. O “eu” vai estar sempre se transformando, renovando, buscando novas experiências e relacionamentos. Muitas vezes, entrando em contradição consigo mesmo.

Podemos compreender que a identidade é construída ao longo de nossas vidas através das experiências, é influenciada pela família, a educação e o meio social. Sendo assim, a identidade não está apenas relacionada ao “eu”, mas ao “outro” também, e que essa relação de trocas, de interação, faz toda diferença em um ambiente escolar ou na vida pessoal, destacando que a identidade é plural e está sempre se modificando.

É importante ressaltar que existe a concepção de identidade coletiva. Sobre essa questão Wolton (2000) acredita que “aquele que reúne os indivíduos de uma comunidade, além de suas desigualdades sociais, cuja partilhar da língua, da história, dos símbolos, dos valores lhe conferem o sentimento e o esforço de defender essa comunidade” (p.22), assume uma identidade coletiva, desenvolve um sentimento de pertença ao grupo.

Nesse sentido, pensar na identidade negra implica em conhecer a história e cultura do povo negro para estabelecer laços com esse grupo social, firmar relações que valorizam a herança ancestral, os símbolos, as diferenças presentes no próprio grupo e desenvolver o sentimento de ser, pertencer e defender a comunidade negra.

Assim, conhecer a história do povo negro a partir da visão do negro, não eurocêntrica, é primordial para superar a imagem do negro passivo, aquele que aceitou a condição de escravizado e identificar as várias formas de resistência presentes nos relatos históricos oficiais, buscando novas fontes históricas que permitam descobrir como o negro influenciou na construção do Brasil, pois a história que foi escrita e transmitida não destaca o protagonismo negro.

Nessa perspectiva, Melo (2016) afirma que a própria compreensão do ser negro irá se modificar nas experiências vividas, coexistindo com episódios de se afirmar e se negar, isso é,

momentos de contradição, o sujeito pode afirmar sua identidade em algumas questões e negar em outras. Como visto anteriormente, é um processo dinâmico, permanente e contraditório, visto que, não se conheceu a história de luta e resistência negra.

Desse modo, a seguir iremos discutir como a imagem do negro é apresentada nos livros analisados e como influencia na construção da identidade das crianças que usam os livros em questão. Quanto aos docentes que trabalham com esses livros, precisam estar atentos sobre como podem influenciar positivamente ou não nesse processo de construção da identidade.

### 3.3 Identidade do negro no LD

Como vimos anteriormente, o LD passou por todo um processo de controle de sua produção, atendendo a interesses dos governos da época, com a redemocratização do país, vêm, igualmente, novas influências para elaboração dos livros. Chamou nossa atenção como as imagens do negro aparecem nos livros didáticos, visto que, antes, era quase inexistente, ou aparecia em situações constrangedoras, negativas e de escravidão.

No início da primeira unidade do livro *Porta Aberta* as imagens de crianças negras das páginas 11 e 12 contribuem positivamente para identidade negra, visto que as crianças estão bem vestidas, com aspectos alegres, brincando e se divertindo. O assunto abordado é o que meninas e meninos podem ou não fazer e sugere reflexões sobre esse conteúdo. Na primeira figura, a menina está brincando com um bambolê e o menino sentado, com roupas bonitas e o sorriso no rosto, assim, fortalece a autoestima negra e a identidade pessoal.

FIGURA 4

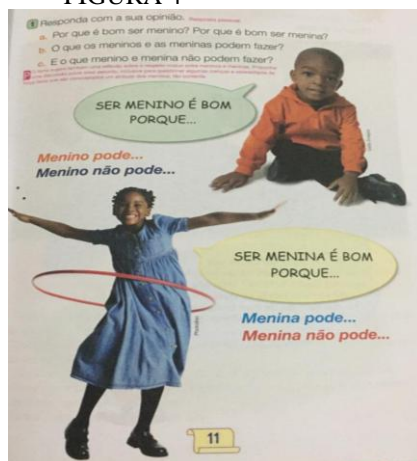
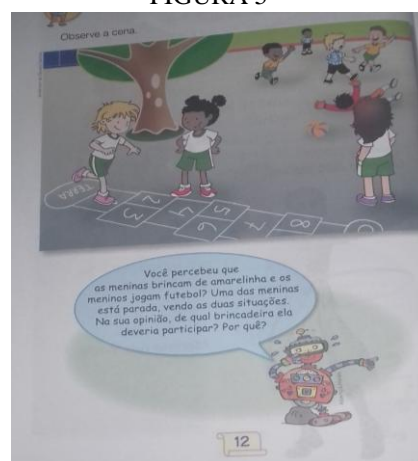


FIGURA 5

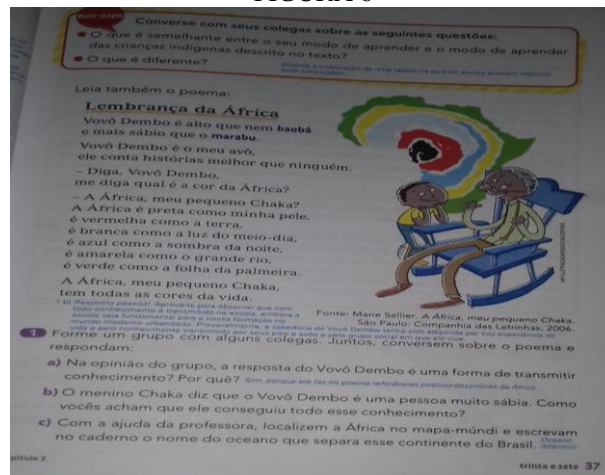


Fonte: Lima (2011, p. 11 e 12)

Na segunda imagem, as crianças estão brincando no parque, as meninas de amarelinha e os meninos de futebol e tem uma criança observando as duas brincadeiras em que podemos identificar a identidade coletiva, percebemos que todas as crianças estão com fardamentos e calçadas. Segundo Wolton (2000), a identidade coletiva não acaba com as desigualdades, mas o sentimento de pertencimento transparece em cada indivíduo. Será que a professora está atenta a estes detalhes? E o sentimento de coletividade é perceptível?

No livro *Ápis*, ainda no sumário, uma imagem bastante curiosa, um senhor falando e uma criança escutando e, no fundo da imagem, as cores da bandeira da África em tons de verde, amarelo, azul, vermelho, branco e preto. Na página 37, a mesma imagem destacada, com o poema: “Lembrança da África”, corresponde à ilustração, em que alguns conhecimentos são passados de geração em geração através da oralidade.

FIGURA 6



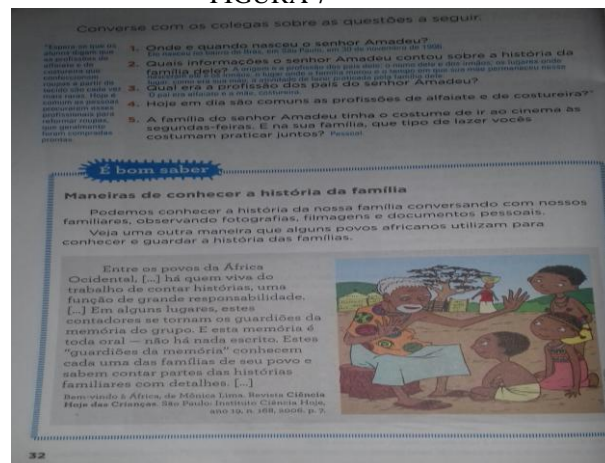
Fonte: Tavares e Cavalcante (2011, p.37)

A ilustração reforça o que retrata o poema, o orgulho de ser africano e o significado das cores e a troca de experiência. Ser africano remete ao conceito de identidade coletiva, identidade com um continente, identidade nacional, o sentimento de pertença a um povo, assim como ressaltam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual:

[...] coexistem aqui culturas singulares, ligadas a identidades de origem de diferentes grupos étnicos e culturais. Essa composição cultural tem se caracterizado por plasticidade e permeabilidade, incorporando em seu cotidiano a criação e recriação das culturas de todos esses povos, sem diluí-las, ao mesmo tempo que permite seu entrelaçamento. Nesse entrelaçamento de influências recíprocas, configurasse a permanente elaboração e redefinição da identidade nacional, em sua complexidade. (BRASIL, 1997. p. 24).

A identidade nacional, reflete as singularidades de várias culturas. No livro *A Escola é Nossa*, na página 32, a imagem apresentada faz semelhança com a do livro *Ápis*: um homem velho falando e as crianças ouvindo, em que o texto em destaque menciona o velho como “guardião da memória” pois, as histórias das famílias eram responsabilidade desses guardiões, já que não havia outra forma de registro.

FIGURA 7



Fonte: Tavares e Cavalcante (2011, p.32)

Assim, destaco a importância de uma identidade negra positiva, como afirma Silva:

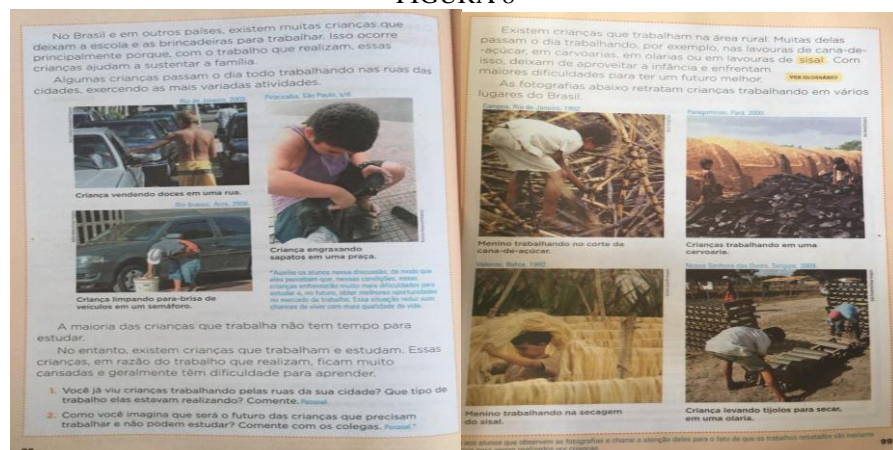
É a partir, das transformações das representações nas imagens dos/as negros/as nos livros didáticos, que os sujeitos passam a reconhecer os traços positivos de sua história. Isso permite construir nas crianças negras como também nas não negras, uma nova percepção da imagem de suas origens e, conseqüentemente, gerar seu autoconceito. Essa transformação é “um grande passo para a construção/reconstrução da identidade ético-racial e social da criança negra, bem como para o respeito, reconhecimento e interação com as outras raças/etnias” (SILVA, 2011, p.98).

As transformações, como foram ressaltadas, é algo fundamental, em que as crianças negras e as não negras precisam ser enxergadas com suas singularidades, e esse sentimento de pertencimento faz toda diferença, principalmente em uma sociedade com tanto preconceito e discriminação. Segundo o autor Munanga (2008), citado anteriormente, a identidade é um processo que não é possível ser construído isoladamente. Uma criança negra ou não negra, vendo suas origens ou as origens do outro, de forma positiva, tem grandes chances de desenvolver a aceitação e respeito às diferenças.

A presença do negro ainda continua sendo minoria nos Livros Didáticos (LD), sempre que aparecem imagens de grupos de pessoas, adultos ou crianças, o negro está como minoria, mesmo que a maioria da população seja negra, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pois todas as que se autodeclaram pretas e pardas são identificadas como negras para muitos pesquisadores. Será que existe alguma intencionalidade em mostrar o negro como minoria? O que isso pode significar?

Percebemos que o trabalho infantil é apresentado nos três Livros Didáticos, entretanto, nas imagens das páginas 98 e 99 do livro *A Escola é Nossa*, discute-se sobre o trabalho infantil e se desconstrói toda essa ideia de transformação, identidade positiva e igualdade. Pois, apesar dos livros didáticos apresentarem muitas imagens positivas sobre o negro, ainda encontramos representações do negro em situações inferiores. Não se deve negar que a população negra em sua maioria sofre com baixos salários, péssimas moradias, analfabetismo, subemprego, fracasso escolar, vícios, drogas, violência e é a maioria da população carcerária, refletindo uma dívida histórica, pois quando ocorreu a abolição o negro não recebeu nenhuma indenização, ou apoio do governo da época com políticas públicas de inclusão do negro na sociedade, no mercado de trabalho, esse ficou entregue à própria sorte.

FIGURA 8



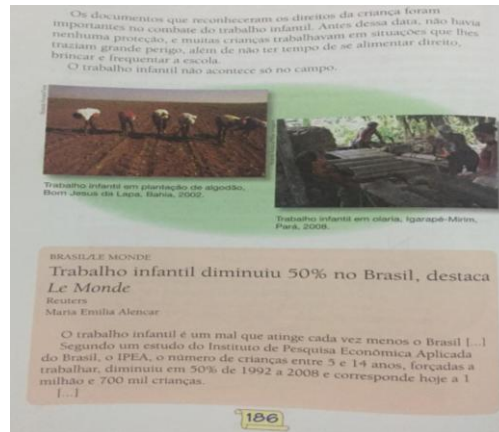
Fonte: Tavares e Cavalcante (2011, p. 98 e 99)

É inegável que todas as crianças das imagens são negras e trabalham em condições precárias, estão marginalizadas. Como trabalhar em sala de aula a identidade negra diante dessas imagens? As crianças negras irão se reconhecer como negras? A sociedade está

acostumada com a desvalorização do negro e aceita com naturalidade as condições desfavoráveis? É preciso problematizar essa situação, contextualizando os problemas sociais decorrentes de uma sociedade capitalista excludente e racista.

No livro *Porta Aberta*, na página 186, o trabalho infantil inicialmente é apresentado como um problema de muitos anos, por crianças que trabalhavam no campo para ajudar seus pais e que, conseqüentemente, deixavam de frequentar a escola e adquiriram doenças relacionadas a dores na coluna, olhos e garganta, por estarem em contato com venenos.

FIGURA 9



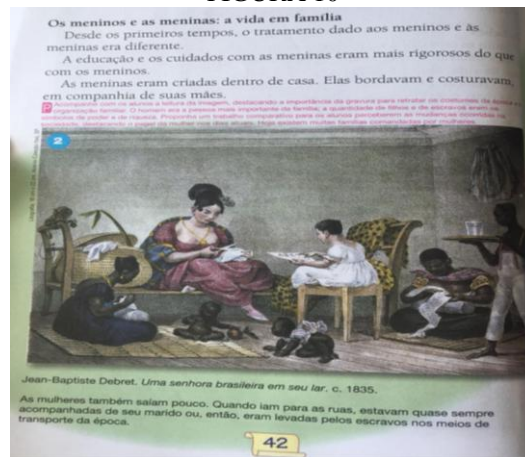
Fonte: Lima (2011, p.186)

Percebemos que as crianças trabalhando no campo todas são negras. Na primeira imagem, as crianças estão na plantação de algodão e, na segunda imagem, as crianças estão trabalhando em olarias. Sabemos que as condições de marginalização em relação ao negro existem, não podemos ocultar, mas como isso é abordado em sala de aula? Os Livros Didáticos analisados são direcionados para crianças, cabe aos docentes discutirem de forma que desconstruam a naturalização das desigualdades sociais e econômicas. Quais os motivos que levaram os negros a ser a maioria da população marginalizada?

No livro *Ápis* é apresentado o trabalho infantil no passado, nas fazendas de café, cana-de-açúcar e nas fábricas de vidros, os registros são feitos através de fotografias em preto e branco. Será que as professoras estão atentas para questionar sobre essa realidade da criança negra que, desde a escravidão, executava o trabalho e não tinha oportunidade de estudar e brincar? Por que ainda hoje se encontra a criança negra exercendo trabalhos que dificultam o acesso e sua permanência na escola? Será que essa criança tem direito a estudar e brincar como as demais?

Na seqüência, percebemos no livro didático *Porta Aberta*, na Unidade 1, com o tema: “Meninas e meninos”, o título é: “Os meninos e as meninas: a vida em família”, na página 42, a sutileza da imagem. O texto inicia com uma explicação de que, desde cedo, o tratamento dos meninos era diferente das meninas, sendo das meninas mais rigoroso que os dos meninos, elas eram criadas dentro de casa em companhia e cuidado de suas mães. E, em seguida, é apresentada uma pintura do Jean-Baptiste Debret, “Uma senhora brasileira em seu lar”. Observa-se mãe e filha realizando trabalhos manuais cercadas de escravas com suas crianças. São significativas as orientações para os(as) professores(as) sobre a situação das mulheres na atualidade.

FIGURA 10



Fonte: Lima (2011, p.42)

Aparentemente, pode ser considerado um assunto simples, mas a imagem romantizada de Debret traz uma ideia de naturalidade entre as elites e os escravos. Qual a intenção de abordar um assunto de diferenças entre meninos e meninas e exemplificar com imagens que revelam o fato de, na maioria das vezes, não ser comum os escravos serem tratados como pessoas da família? A diferença está apenas nos gêneros ou nas classes sociais? Essa imagem contribui para a permanência dos estereótipos sobre o negro? Será que o corpo docente, ao trabalhar com essa imagem, percebe de forma crítica a situação da mulher negra e branca?

Dessa maneira, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (BRASIL, 1997, p.63) afirmam que é necessário “Conhecer a existência de outros grupos culturais além do seu, reconhecer seu direito à existência e respeitar seus modos de vida e suas expressões culturais”. Essas questões estão voltadas para a discussão sobre identidade: como tratar essa temática de forma a desconstruir o racismo, machismo e a desigualdade social? É preciso desnaturalizar essas questões e romper com os estereótipos.

Outras imagens também são encontradas com as características mencionadas anteriormente, ou seja, várias imagens romantizadas em diferentes assuntos, tanto no livro *Porta Aberta*, como também no LD *Ápis*, nas páginas 103 e 104, com o título: “Imagens do trabalho escravo”, é possível perceber novamente a romantização e a naturalização nas pinturas, do desenhista e pintor alemão Johann Moritz Rugendas, destacamos que o autor do livro pede para as crianças conhecerem, através das pinturas, um pouco do trabalho escravo no Brasil. Como as crianças irão perceber o trabalho escravo em pinturas que as poupam da realidade que os negros viveram aqui no nosso país?

FIGURA 11



Fonte: Vesenti Martins e Pécora, (2012, p. 103 e 104)

Sobre isso, o autor Manguel (2001, p.21) ressalta a importância das imagens, seus significados e sentidos, vejamos:

A existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente [...] imagens cujo significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência.

No entanto “as palavras” e “as imagens” necessariamente precisam ter uma ligação de seus significados com suas representações e ser exploradas. Os professores(as) precisam fazer reflexões, críticas e questionar as crianças, para desconstruir os estereótipos.

Por fim, ao longo da pesquisa, podemos afirmar que a imagem do negro é apresentada de forma positiva, em que as crianças estão sorridentes e bem vestidas, fortalecendo, assim, a autoimagem de crianças negras. O sentimento de pertencimento ao seu povo era uma preocupação dos guardiões da memória, que também são mencionados, pois é através da oralidade que o conhecimento é passado de geração em geração na África, despertando uma identidade coletiva. Todavia, também encontramos a imagem do negro como negativa, ou seja, o negro aparece de forma marginalizada no trabalho infantil e romantizada nas pinturas sobre a escravidão. Será que essas imagens que influenciam as crianças na construção de suas identidades são trabalhadas pelas docentes? Será que as professoras identificam as lacunas presentes nesses livros?

### 3.4 Diversidade Cultural

A diversidade cultural é a segunda categoria destacada na nossa análise e ela deve ser conduzida por uma relação de respeito com as diferenças existentes. Sobre essa questão, vejamos:

O conceito de diversidade cultural nos permite perceber que as identidades culturais nacionais não formam um conjunto monolítico. Ao contrário, podemos e devemos reconhecer e valorizar as nossas diferenças culturais, como fator para a coexistência harmoniosa das várias formas possíveis de brasilidade. Portanto, a diversidade cultural é, em certo sentido, o próprio reflexo da necessidade abrangente da múltipla diversidade de vidas na Natureza, a fim de essa possa como um todo renovar-se e sobreviver. A cultura é a natureza do homem. A diversidade cultural pode ser vista, por conseguinte, como a nossa biodiversidade (CARDOSO; MUZZET, 2007, p.2).

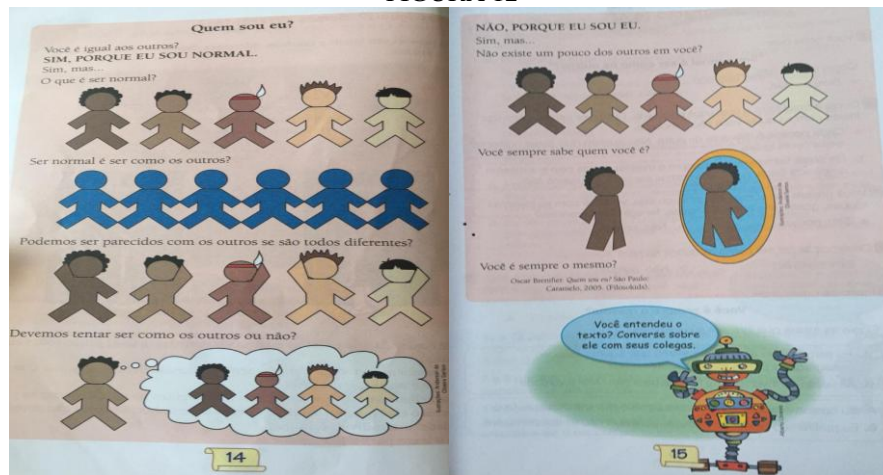
Dessa maneira, compreendemos que a diversidade cultural é a pluralidade, multiplicidade de culturas que devem ser respeitadas na sua singularidade e particularidades existentes, ou seja, ela não é formada por apenas um grupo, mas, pelas diferenças de vários grupos, buscando o respeito e a igualdade na convivência entre esses grupos.

Ressalto a importância de ser trabalhada a diversidade cultural em sala de aula, pois a escola tem um papel fundamental na exclusão, como afirmam os PCN (1998, p.122): “Reconhecer e valorizar a diversidade cultural é atuar sobre um dos mecanismos de discriminação e exclusão, entraves da plenitude, da cidadania para todos, é, portanto, para a própria nação”. Partindo desse pressuposto, as aulas precisam ser direcionadas por um olhar reflexivo, valorizando e considerando a vivência de cada criança, reconhecendo que o outro é diferente de mim, mas que precisa ser respeitado dentro de suas particularidades.

Com relação a essa questão, no LD *Porta Aberta*, nas páginas 14 e 15, é trabalhado o conteúdo de diversidade cultural e identidade.



FIGURA 12



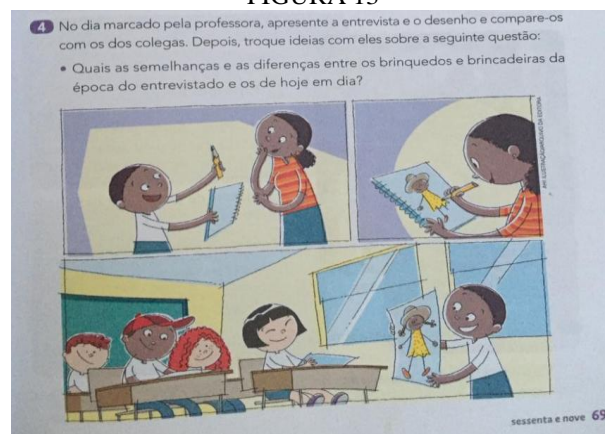
Fonte: Lima (2011, p. 14 E 15)

O texto referente à imagem inicia com uma pergunta: “você é igual aos outros?”, em forma de diálogo, a resposta é: “sim, porque sou normal.”, novamente é questionado: “Sim, mas... o que é ser normal?”, “Ser normal é ser como os outros?”, “Podemos ser parecidos com os outros se somos todos diferentes?”, “Devemos tentar ser como os outros ou não?”. A resposta é: Não, porque eu sou eu. É questionado: “Não existe um pouco dos outros em você? Você sabe quem é você? Você é sempre o mesmo?”.

As imagens trazem as características da representação de um povo negro, índio e branco, fortalecendo, assim, a identidade e a diversidade existente em nossa cultura, como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (BRASIL, 1997, p.20) “Tratar da diversidade cultural, reconhecendo-a e valorizando-a, e da superação das discriminações é atuar sobre um dos mecanismos de exclusão [...]”. Nessa perspectiva, os questionamentos ressaltam a importância ao respeito entre eles, percebemos que não têm nenhuma representação maior que a outra, a diferença está apenas nas singularidades.

No Livro Didático *Ápis*, na página 69, uma imagem que nos chamou bastante atenção apresenta crianças de diferentes culturas numa sala de aula, em que uma criança negra vai à frente da turma e apresenta sua atividade que foi feita com a ajuda de sua mãe negra.

FIGURA 13



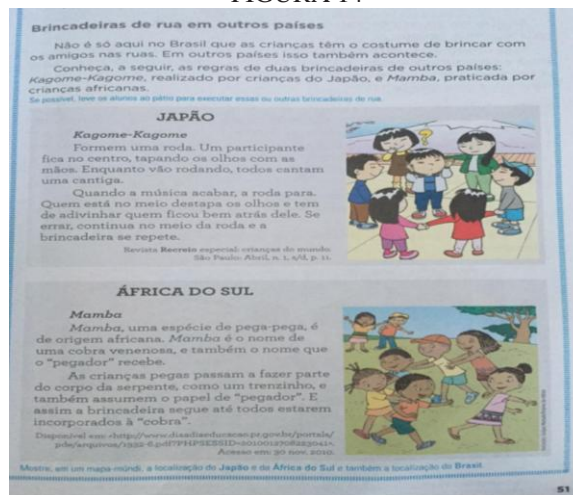
Fonte: Vesentini, Martins e Pécora (2012, p.69)

Essa imagem retrata o que chamamos de protagonismo negro, ou seja, o negro está em uma imagem positiva, pois, a partir da interação com sua mãe, realizou a atividade e apresentou na sala. Essa atitude reforça a ideia do negro como um sujeito inteligente, criativo

e capaz, que construiu esse país e quebra o estereótipo da incapacidade que o negro tem na sociedade, como ressalta a autora, em seu livro “Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático”, no qual mostra que, na maioria dos livros didáticos, “os negros/as não têm papéis e funções diversificadas e que esse tem o ‘seu lugar’ na sociedade” (SILVA, 2010, p.44). Assim, possibilita-se para as crianças negras e não negras o aprendizado de que o negro pode possuir um lugar de protagonista e liderança na sociedade. Desse modo, podemos perceber a importância de ser trabalhado em sala de aula a diversidade cultural e o respeito entre essas culturas.

No Livro *A Escola é Nossa*, na página 51, o conteúdo faz referência às brincadeiras de rua em outros países, aparecem dois exemplos de brincadeiras, um do Japão e outro da África do Sul. No primeiro, é apresentado “Kagome-kagome”, uma brincadeira do Japão em que uma criança fica centralizada no meio da roda de olhos fechados e as outras crianças ao redor ficam cantando a música, ao terminar a criança que está no centro tem que adivinhar quem está atrás dela. Na segunda imagem da folha, a brincadeira é “Mamba”, que significa “cobra venenosa” e é uma brincadeira da África do Sul, o texto explica a semelhança de pega-pega, em que as crianças pegas fazem parte do corpo da cobra e a brincadeira acaba apenas quando todos estiverem agrupados.

FIGURA 14

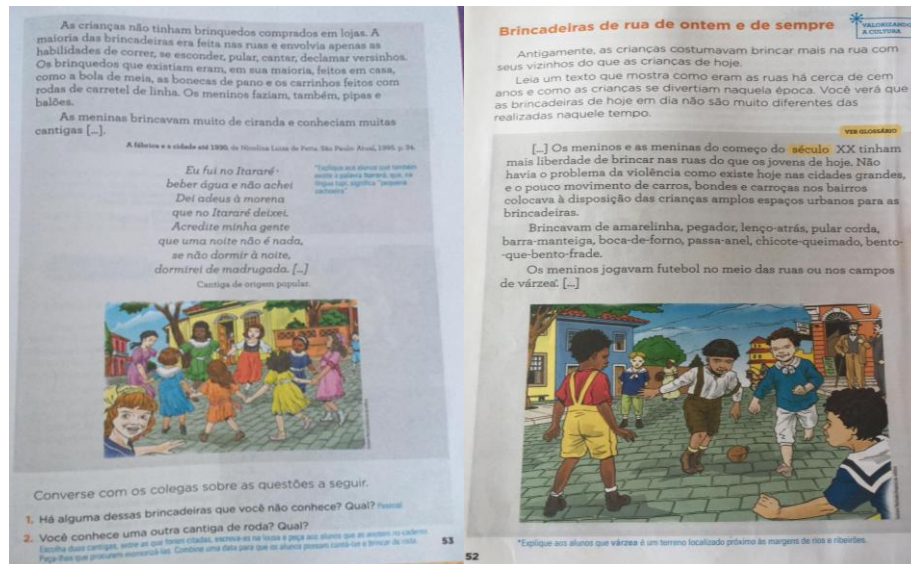


Fonte: Tavares e Cavalcante (2012, p.51)

Os autores, Cardoso e Muzzet (2007), em seus estudos, afirmam que a diversidade cultural não forma apenas um conjunto, ou seja, cada cultura tem suas particularidades. Em ambas as imagens, as crianças estão sorridentes e bem vestidas trazendo os traços de suas culturas. Percebemos a valorização de suas identidades. É importante destacar a riqueza que cada cultura pode ensinar para a outra.

Na página seguinte, são abordadas as brincadeiras de ontem e sempre, o texto traz a liberdade que as crianças de antigamente tinham de ficar até tarde nas ruas, na maioria das vezes, os meninos jogavam futebol e as meninas brincavam de ciranda.

FIGURA 15



Fonte: Tavares e Cavalcante (2012, p.52 e 53)

Percebemos que o texto faz essa referência a um passado depois da abolição, início do século XX, e o que nos chamou atenção são as crianças sorridentes e bem vestidas de diferentes culturas, a única criança brincando descalça é um menino branco, diferente de outras imagens, que a criança negra é que aparecia nessa posição, semelhante ao tempo da escravidão.

Outro detalhe são as Festas de origem africana, como a Congada, encontrada no Livro *A Escola é Nossa*, a lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim, a festa do Boi e o Carnaval encontrado no livro *Ápis*. Essas manifestações culturais trazem a riqueza da diversidade e influência do continente africano na nossa cultura, tanto no aspecto religioso, como das festas. No livro *Porta Aberta*, não encontramos Festas de origem africana.

Durante as análises dos livros didáticos escolhidos, percebemos ausência da história do negro na formação do país e a influência da cultura africana no cotidiano, desde as palavras que foram introduzidas no nosso vocabulário, às comidas e músicas etc. Será que esse conteúdo está presente em outros livros da mesma coleção em anos diferentes do 3º ano? O professor (a) precisa estar atento a essas apresentações do povo negro no LD. Faz-se necessário uma formação mais ampla na docência, buscando o respeito pelas diferenças, valorizando as particularidades de cada cultura e desfazendo todo sentimento negativo em relação ao negro, acumulado ao longo desses anos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização dessa pesquisa nos Livros Didáticos (LD) de História do 3º do Ensino Fundamental foi possível identificar e refletir sobre as imagens do povo negro que aparecem nos Livros Didáticos. Nesse sentido, podemos dizer que algumas imagens estão positivadas, evidenciando o protagonismo, identidade negra e a diversidade cultural, porém, encontramos imagens negativas, fortalecendo os estereótipos, principalmente como escravo passivo, negros marginalizados e em condições miseráveis.

Como vimos no conceito de identidade, é nas relações sociais que o indivíduo constrói sua própria identidade, por isso que ela não é fixa, ou seja, ela se transforma continuamente. A escola tem um papel fundamental nesse processo de construção da identidade do negro em todos os sentidos, desde os Livros Didáticos (LD), no cotidiano escolar, nas brincadeiras, nas

festas escolares, no trato das crianças e na relação com a família, pois ela é um espaço de socialização e convivência com a diversidade.

Sendo assim, é necessário que o(a) professor(a) tenha uma boa formação e esteja atento às questões de invisibilidade e silenciamento que estão presentes por tantos anos na história e cultura negra.

Desse modo, através desse estudo foi possível enxergar e refletir sobre questões étnico-raciais de grande relevância. Assim, acredita-se na necessidade de revisões dos livros didáticos (LD), pois, neles, ainda encontramos pouca representatividade sobre a história e as culturas afro-brasileiras e africanas na formação do nosso país e essa ausência influencia na formação da identidade negra das crianças.

Concluimos essa pesquisa com a perceptiva de ser apenas o início de várias análises, pois todos os dias temos que lutar pelas crianças negras, por um futuro igualitário e uma educação próspera, mostrando a ela seu valor na sociedade e o reconhecimento de suas origens, o respeito às singularidades existentes em cada cultura como uma maneira de desconstruir o preconceito e as diferenças existentes entre os indivíduos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual/** Secretaria de Educação Fundamental –Brasília MEC/SEF,1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: apresentação dos Temas Transversais: Pluralidade Cultural. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. MEC - Portal do FNDE. **Histórico.** Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/pnld/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13658](http://portal.mec.gov.br/pnld/index.php?option=com_content&view=article&id=13658)>. Acesso em: 13 maio 2019.

CARDOSO, Sonia Maria Vicente; MUZZETI, Luci Regina. As Dimensões da Diversidade Cultural Brasileira. Araraquara-SP, **Revista Ibero-Americana de Estudo em Educação**, v.2, n.1, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Mirna. **Porta Aberta.** História, 3<sup>o</sup> ano. São Paulo: FTD, 2011.

MANGUEL, Alberto. O espectador comum: A imagem como Narrativa. *In:* MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens:** uma A História de Amor e Ódio. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenbeg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia de Letras, 2001.

MELO, Margareth M. de. **Gerando Eus, Tecendo Redes e Traçando Nós:** relações étnico-raciais na formação de professores. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional *versus* identidade negra.- 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA. Ana Célia da. **A representação do negro no livro didático:** O que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA. Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do no livro didático.** Salvador: EDUFBA, 2010.

TAVARES. Rosemeire Aparecida Alves; CAVALCANTE. Maria Eugênia Bellusci. **A escola é nossa.** História. 3<sup>o</sup> ano. São Paulo: Scipione, 2012.

VESENTINI, José William; MARTINS, Dora; PÉCORA, Marlene. **Ápis.** História. 3<sup>o</sup> ano. São Paulo: Ática, 2012.

WOLTON, Dominique. **Internet et après?** Une théore critique des nouveaux medias. Paris: Flammarion, 2000.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Nzambi, o criador de todas as criaturas e a natureza. Natureza essa, que por suas inexplicáveis energias me conduziu a ser quem sou, aprendi que seus nomes é Nkise e Mukixi.

A Jurema Sagrada sendo tão encantada, que me encantou, agradeço a todos (as) que me guiaram por esse longo caminho.

A minha mãe Valéria que tenho muito orgulho, meu querido Inácio que sempre esteve ao meu lado, minha irmã Anna Farias minha irmã amiga e a minha pequena e meiga Coraline.

A minha mãe de santo Mam'etu Misale e a minha Tia Kota Loji.

Agradeço imensamente a Universidade Estadual da Paraíba e a minha Orientadora Margareth por toda paciência e dedicação ao longo desta pesquisa. E as professoras Patrícia e Ruth pela disponibilidade em participar da banca examinadora.